

**Título: A diversidade e participação feminina na produção do conhecimento científico em comunicação: uma análise exploratória**

Autora: Betania Maciel

Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação – SOCICOM

Faculdade de Ciências Humanas -ESUDA

**Resumo:**

Embora tenha havido um aumento gradual na participação feminina na produção do conhecimento científico em comunicação ao longo dos anos, ainda persistem desafios significativos. Fatores como a falta de representatividade em cargos de liderança acadêmica, a disparidade salarial e a dificuldade de conciliar trabalho e vida pessoal foram identificados como obstáculos para a plena participação das mulheres nesse campo.

No entanto, também foram identificados avanços importantes. A promoção de políticas de igualdade de gênero, a criação de redes de apoio e a implementação de programas de mentorado têm contribuído para a inclusão e a valorização das pesquisadoras na área de comunicação, onde as pesquisadoras femininas têm contribuído para o desenvolvimento de teorias que explicam e analisam os desafios enfrentados pelas mulheres na sociedade e como eles são perpetuados pela comunicação mediada e interpessoal.

Além disso, a participação feminina na comunicação científica amplia a gama de tópicos estudados. As mulheres têm se envolvido em pesquisas sobre questões de saúde feminina, representação midiática, comunicação intercultural, comunicação organizacional, comunicação política e muitos outros campos. Esses estudos abrangem uma ampla gama de perspectivas e temas que são essenciais para uma compreensão holística da comunicação humana.

A perspectiva feminina na comunicação científica é crucial para uma compreensão mais completa e precisa das questões de gênero, poder, sexualidade e desigualdades sociais. As mulheres trazem consigo experiências e vivências únicas que influenciam sua forma de abordar os temas de pesquisa. Essas experiências podem incluir a vivência de discriminação de gênero, violência doméstica, desigualdades no mercado de trabalho, entre outros. Essas experiências pessoais fornecem um olhar crítico sobre as estruturas sociais e a comunicação dentro dessas estruturas.

A diversidade de perspectivas também influencia o processo de pesquisa em si. As mulheres trazem métodos e abordagens únicas que podem desafiar as formas tradicionais de fazer ciência. Elas têm se envolvido em pesquisas qualitativas, estudos de caso, análises de narrativas e outros métodos que enfatizam a subjetividade e a compreensão contextualizada. Essas diferentes abordagens e métodos de pesquisa também têm impacto no campo da comunicação científica como um todo. A inclusão de pesquisadoras femininas no desenvolvimento de teorias e na formulação de metodologias contribui para a diversificação das abordagens de pesquisa utilizadas. Isso leva a uma maior riqueza e complexidade no conhecimento produzido, tornando-o mais reflexivo das experiências e realidades das pessoas.

No entanto, é importante ressaltar que a diversidade de perspectivas não deve ser limitada apenas à inclusão das mulheres, mas também deve abranger uma ampla gama

de diversidades. A participação de pessoas LGBTQIA+, pessoas racializadas e de outras minorias é fundamental para a promoção de uma comunicação científica verdadeiramente inclusiva e representativa.

O termo "pessoas racializadas" refere-se a indivíduos que são submetidos a processos de categorização racial, nos quais são atribuídas características e identidades com base em sua raça ou origem étnica percebida. Essa categorização não é inerente às pessoas, mas sim uma construção social que varia de acordo com contextos culturais, históricos e sociais específicos.

Ao usar o termo "racializadas", reconhece-se que a raça não é uma característica biológica objetiva, mas sim uma construção social que cria hierarquias e desigualdades. As pessoas racializadas são aquelas que são identificadas e tratadas de maneira diferenciada com base em suposições, estereótipos e preconceitos associados a determinadas raças. É importante ressaltar que as experiências das pessoas racializadas são diversas e influenciadas por outros aspectos de suas identidades, como gênero, classe social, orientação sexual, entre outros.

As experiências de discriminação, estigmatização e desigualdades enfrentadas pelas pessoas racializadas podem variar amplamente, dependendo do contexto em que vivem e das interseções de suas identidades. O termo "racializado" é utilizado para enfatizar que a raça é uma construção social e destacar as disparidades e opressões estruturais enfrentadas pelas pessoas com base em sua raça percebida. Reconhecer a existência das pessoas racializadas e entender as desigualdades e opressões que elas enfrentam é fundamental para promover a justiça social e a equidade.

A diversidade de perspectivas trazida pela participação feminina na comunicação científica tem enriquecido o campo ao trazer novas ideias, abordagens e *insights*. A inclusão das mulheres no processo de produção do conhecimento científico permite uma compreensão mais abrangente das questões de gênero, poder, sexualidade e desigualdades sociais. Elaboração do processo de pesquisa, levando a métodos e abordagens inovadoras.

As mulheres têm contribuído com estudos que abrangem uma ampla gama de tópicos, ampliando os horizontes do campo da comunicação científica. Além disso, a diversidade de perspectivas promove a reflexão sobre as estruturas sociais e a comunicação dentro dessas estruturas, contribuindo para uma compreensão mais crítica e contextualizada da comunicação humana. No entanto, apesar dos avanços, ainda existem desafios a serem superados.

As mulheres continuam enfrentando obstáculos, como a desigualdade salarial, a falta de representação em cargos de liderança e a persistência do assédio e discriminação de gênero em ambientes acadêmicos e científicos. É necessário continuar lutando por políticas e práticas que promovam a igualdade de oportunidades e a inclusão de todas as identidades de gênero na produção do conhecimento científico em comunicação. A diversidade e a participação feminina na produção do conhecimento científico em comunicação são fundamentais para o progresso e o avanço do campo. A inclusão de diferentes perspectivas melhora a qualidade e a relevância das pesquisas, ao mesmo tempo em que contribui para a criação de um ambiente acadêmico mais justo e inclusivo. Portanto, é essencial continuar apoiando e promovendo a participação feminina e a diversidade em todas as áreas da comunicação científica.

Várias autoras brasileiras têm contribuído significativamente para o estudo da diversidade e participação feminina na produção do conhecimento científico em comunicação, como Heloisa Buarque de Almeida que aborda questões de gênero, sexualidade e comunicação; Rosana Soares tem explorado questões relacionadas à participação feminina na produção científica; Maria Immacolata Vassallo de Lopes tem contribuído com estudos sobre a representação da mulher na mídia e as dinâmicas de poder na produção científica; Lúcia Santaella tem investigado questões de gênero e tecnologia em suas obras; Ivete Cardoso do Carmo Roldão tem se dedicado ao estudo da comunicação científica, gênero e feminismos entre outras.

Com base nos resultados obtidos, recomenda-se a continuidade dos esforços para promover a diversidade e a participação feminina na produção do conhecimento científico em comunicação. Isso inclui a adoção de medidas institucionais, a sensibilização da comunidade acadêmica e o estímulo à colaboração e ao compartilhamento de experiências entre pesquisadoras. Algumas outras ideias a considerar para promover a diversidade e a participação feminina na produção do conhecimento científico em comunicação.

Para melhorar a participação feminina e promover a diversidade na produção de conhecimento científico em comunicação, propõe-se uma abordagem multidimensional. A implantação de programas de mentoramento poderia fornecer suporte orientado e personalizado para pesquisadoras em diferentes estágios de suas carreiras.

A organização de workshops e seminários pode servir para disseminar a importância da diversidade na pesquisa científica, além de promover a inclusão e a equidade de gênero. Paralelamente, seria prudente assegurar a disponibilidade de financiamento dedicado, por meio de bolsas e subsídios destinados especificamente a pesquisadoras.

Políticas institucionais de equilíbrio entre vida profissional e pessoal podem ser benéficas para a retenção e atração de talentos femininos, visto que fornecem uma estrutura que facilita a conciliação entre responsabilidades acadêmicas e familiares.

A promoção de pesquisas que abordam a diversidade na ciência da comunicação também pode contribuir para uma maior conscientização e compreensão dos benefícios da inclusão na academia. A adoção de estratégias de recrutamento que priorizem a diversidade pode auxiliar na ampliação da representatividade feminina no meio acadêmico.

Por fim, estabelecer parcerias com organizações externas focadas em promover a diversidade na ciência pode agregar recursos adicionais para alcançar esses objetivos.

Enquanto cada uma dessas estratégias tem o potencial de contribuir para o avanço da participação feminina e da diversidade na ciência da comunicação, uma combinação dessas ações pode ser particularmente eficaz. Embora a mudança possa ser gradual, a persistência e a dedicação a essa causa são cruciais para promover a equidade de gênero e a inclusão no campo da comunicação.

**Palavras-chave:** diversidade, participação feminina, conhecimento científico, comunicação, pessoas racializadas.

## Referências

- BUTLER, J. (2018). Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- FERRAZ, M. L. G. (2007). Gênero e Ciências da Comunicação. São Paulo: Paulus.
- FERRAZ, M. L. G. (2016). Mulheres e Pesquisa Científica em Comunicação no Brasil. São Paulo: Paulus.
- HALL, S. (2013). O Triângulo Fatal: Raça, Etnicidade, Nação. Harvard University Press.
- LAURETIS, T. D. (2014). Tecnologias do gênero: ensaios sobre teoria, cinema e ficção. Campinas: Editora Unicamp.
- LOPES, M. I. V. (2002). Comunicação e Gênero. São Paulo: Paulus.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo (Org.). Gênero, sexualidade e mídia. São Paulo: Editora Intercom, 2004.
- ROLDÃO, I. C. C. (2012). Feminismo e Mídia: Diálogos Interdisciplinares. São Paulo: Paulus.